

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 140

JUNHO DE 2005



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS – PUCRS

ISSN 0101-3335

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
E FORMAÇÃO
DE PESQUISADORES

Organizado por

Adeílto Manoel Pinho
André Luis Mitidieri-Pereira
Luzi Lene Flores Prompt
Maria de Lourdes Ferrari Horta

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCRS

Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 40, nº 2. p. 1-110, junho, 2005

Pedidos de assinaturas e permutas
devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Preços para o ano de 2005
Assinatura anual:

Brasil	R\$	38,00
Exterior	US\$	34,00
Número avulso	R\$	14,00

Forma de pagamento:

Cheque nominal para
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 – Porto Alegre-RS, Brasil
Fone/Fax: (51) 3320.3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br
http://www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação
devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras – PUCRS
A/c Prof. Elvo Clemente
Caixa Postal 1429
90619-900 Porto Alegre-RS, Brasil

A revista aceita permutas.
On demande échange.
We ask for exchange.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos,
mesmo que não sejam utilizados.

Impressão:
EPECE

Composição:
JORGE L. MACHADO DA SILVA

Chanceler
Dom Dadeus Grings

Reitor
Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira

Chefe de Gabinete

Leonardo Fabbro

Pró-Reitor de Administração e Finanças

Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitor Adjunto de Administração e Finanças

João Dornelles Junior

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Jacqueline Poersch Moreira

Pró-Reitora de Graduação

Solange Medina Ketzler

Pró-Reitor Adjunto de Graduação

Assis Pedro Perin Piccini

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Roberto Astor Moschetta

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Jorge Luis Nicolas Audy

Diretora da Faculdade de Letras

Maria Eunice Moreira

Diretor da Revista

Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

José Marcelino Poesch, Leonor Sciar Cabral,
Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,
Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezora

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Gilberto Mendonça Telles, Regina Zilberman,
Petrona Dominguez de Rodrigues Pasquês,
Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,
Carlos Alexandre Baumgarten

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras.
PUCRS, -n. 1 (out. 1967)-, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967-
v.; 22 cm
Trimestral.
ISSN 0101-3335
1. Lingüística – Periódicos 2. Literatura – Periódicos
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.
CDD 405
805
CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(06)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

Sumário

Apresentação	
Programas de pós-graduação e formação de pesquisadores <i>Regina Zilberman</i>	5
<hr/>	
Narrativa ficcional: A memória perfeita <i>Adeílato Manoel Pinho</i>	9
<hr/>	
A literatura gaúcha em <i>O tempo e o vento</i> <i>Antenor Fischer</i>	19
<hr/>	
A herança trágica n' <i>Os irmãos Karamazóvi</i> <i>Ana Maria Diniz</i>	31
<hr/>	
O ano em que Saramago sugeriu votar em branco <i>Cris Gutkoski</i>	43
<hr/>	
<i>Grande sertão:</i> Algumas reflexões acerca do narrar de Riobaldo <i>Gláucia de Souza</i>	53
<hr/>	
As cruciFicções de Eça de Queirós: Vozes narrativas em <i>A relíquia</i> e " <i>A morte de Jesus</i> " <i>Ian Alexander</i>	63
<hr/>	
O fio metálico em <i>Água viva</i> <i>Luciana Abreu Jardim</i>	73
<hr/>	
O continente dos Carés <i>Luzi Lene Flores Prompt</i>	83
<hr/>	

Intertextualidade e paródia em <i>Cavaleiro andante</i> <i>Maria de Lourdes Ferrari Horta</i>	91
Proust-leitor e Proust-autor encontram-se no narrador de <i>Em busca do tempo perdido</i> <i>Patricia Pitta</i>	101

Apresentação

Programas de pós-graduação e formação de pesquisadores

Regina Zilberman
PUCRS

Os programas de pós-graduação se expandiram na universidade brasileira, quando essa ampliou sua área de atuação, agregando, à formação de profissionais liberais, bacharéis e licenciados, a preparação de pesquisadores, de que o próprio ensino superior carecia para garantir a qualidade do tipo de educação oferecida. O processo, iniciado nos anos 60, expandiu-se a partir dos anos 70, quando assumiu feição organizacional singular, estrutura definida e propósitos claros. O processo de avaliação, assumido pelo governo federal, por meio do Ministério da Educação, através da Fundação CAPES, consolidou a pós-graduação nacional, que, depois dos anos 90, ocupou as áreas de conhecimento disponíveis, em todo o território brasileiro.

Produto da universidade, enquanto continuidade dos cursos de graduação, a pós-graduação enquadra-se ao âmbito maior da educação brasileira. Vocacionada para a formação de investigadores, que, no ensino superior, farão avançar o conhecimento, a pós-graduação é igualmente credora das agências de fomento vinculadas à pesquisa, de que é exemplo o CNPq e as fundações estaduais de amparo à ciência. A meta de todo pós-graduando, ao ser selecionado a um curso de mestrado e, depois, de doutorado, é redigir sua dissertação e, mais tarde, sua tese, fruto de indagações a que busca responder.

Nem tudo são dissertações ou teses na vida de um mestrando ou de um doutorando, ponto de chegada de uma trajetória medida por prazos, provas, qualificações e avaliações. No meio do caminho, coloca-se a produção científica, que indica quão pronto ele está não apenas para alcançar a meta – o título de mestre e, a seguir, de doutor, que o levou de volta aos bancos escolares –, mas, para, num fruto próximo ou distante, mostrar-se capacitado para atuar no ensino superior, formar novos mestres e doutores, ajudar no crescimento e valorização da ciência em nosso país.

Esse caminho intermediário não é construído por pedras drummondianas, mas, sobretudo no âmbito das Ciências Humanas, por trabalhos escritos que requerem difusão, para serem lidos, discutidos, socializados. Os professores estimulam a produção desse material, avaliam-no e colaboram para sua divulgação; mas talvez o mais desafiante se mostre, quando os discentes, eles mesmos, se propõem a executar a tarefa de que, mais adiante, em suas vidas, constituirá sua rotina profissional.

Eis o que *Letras de Hoje* propôs aos organizadores deste número, agora entregue ao leitor. Adeitalo Manoel Pinho, André Luís Mitidieri Pereira, Luzi Lene Flores Prompt e Maria de Lourdes F. Horta aceitaram a incumbência e levaram a missão a seu termo com exemplar competência. Elaboraram edital aberto a todos os possíveis candidatos a publicarem nesse número exclusivo, receberam os originais, encaminharam-nos a pareceristas externos, fossem esses membros do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras ou de outros cursos de mestrado e doutorado de nosso país, e pacientemente aguardaram o resultado. Revisaram os escolhidos, editaram-nos e prepararam a matéria final para que fosse impressa e tivesse o selo de garantia emitido por um periódico altamente qualificado, nos termos da avaliação da CAPES.

O fruto concretiza-se no grupo de estudos assinados por Adeitalo Manoel Pinho, Ana Maria Diniz, Antenor Fischer, Cristina Gutkoski, Gláucia de Souza, Ian Alexander, Luzi Lene Flores Prompt, Luciana Abreu Jardim, Maria de Lourdes Ferrari Horta e Patricia Pitta, um grupo de dez ensaios que abrange obras diferentes da literatura ocidental. Os focos escolhidos refletem as tendências teóricas eleitas pelos docentes das disciplinas onde primeiramente os trabalhos foram apresentados e discutidos. Nada disso, porém, diminui a originalidade de cada uma das propostas e a identidade de cada texto e de seu autor.

Graças a essa ação cooperativa dos alunos – atuais ou futuros docentes em instituições de ensino superior, razão porque, no momento, buscam sua qualificação científica e profissional – *Letras de Hoje* preencheu seu objetivo, qual seja, o de dar vazão a ensaios científicos de valor, relativos ao melhor da literatura e da cultura que constitui nosso horizonte intelectual contemporâneo. Ao mesmo tempo, oportunizou que um programa de pós-graduação, aquele a que se vinculam os autores dos textos, cumprisse a tarefa que lhe confere a razão de ser e que justificou o aparecimento, o crescimento e a consolidação das Ciências Humanas no Brasil.

ROMANCE - Histórico Original

Ir. Elvo Clemente

A Editora da Universidade Regional da Campanha lançou no dia 11 de maio, em brilhante sessão solene, o romance histórico *Os Charruas*, fruto da oficina literária Alcy Cheuiche. São componentes da oficina: Ana Maria Delabary, Ana Maria Feltrin, Angelina Quintana, Cristiane Betemps, Elisabeth Macedo de Fagundes, José Teixeira Brito e Orlando Carlos Brasil. O método de trabalho de oficina literária, inaugurado na PUCRS, há cinco lustros, pelo Professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, foi conquistando simpatia e realizações em muitos colegas escritores. Alcy José de Vargas Cheuiche, notabilíssimo escritor, há vários anos, vem desenvolvendo oficinas literárias em Caçapava do Sul/RS e em Bagé/RS. Passou do aprendizado da crônica e do conto à realização do romance histórico. Inspirado nas memórias e tradições locais resolveu lançar a pesquisa e a elaboração do romance na nebulosa história dos índios Charruas, povoadores das coxilhas e do pampa e desaparecidos nas primeiras décadas do século XIX. Persistem resíduos dessa valente gente na mestiçagem de caboclos e gaúchos na fronteira de Bagé e Aceguá e no Uruguai onde viveram com o nome de Minuanos, os diminuídos. A equipe formada de professores de língua, de história e de comunicação se adentrou no emaranhado mundo das recordações esparsas nos contos populares e em ralos documentos. Aplicaram a técnica do romance histórico: Transformar em ficção os fatos reais e jogar a imaginação nos horizontes abertos povoados de duendes e de esfarrapadas lembranças. Vencer tamanhas dificuldades, para o simples escritor de ficção é árduo mister, muito mais dificuldades apresentam sete cabeças e catorze mãos, coordenadas por uma oitava cabeça já traquejada na história romanceada dos índios das Missões, o grande herói Sepé Tiaraju. Foram meses de profundas indagações e de buscas de informações nas bibliotecas e arquivos de Montevidéu, de Porto Alegre e Rio de Janeiro. Toda esta bela aventura está em 104 páginas bem escritas, em capítulos bem definidos do início dos séculos XVII, aprofundando-se no século XVIII com os tratados de Madrid, 1750 e de Santo Idelfonso, onde aconteceu o genocídio em homenagem à repartição de terras entre as coroas de Castela e de Lisboa. São páginas em que sobressaem o amor à terra, à bravura da gente nativa destas lonjuras, de horizontes sem fim. Sobressaem as figuras heroicas de Sepé Tiaraju e de Ibagé, o cacique que legou a valentia e o nome aos futuros e atuais habitantes das terras que se estendem dos contrafortes de Santa Tecla às lonjuras do horizonte que se perde no pampa do Uruguai.

A confraria dos oficineiros conseguiu manter o fio do narrador, em estilo homogêneo e elegante. Expressões e vocábulos indígenas e campeiros mantêm o sabor ora selvagem, ora nostálgico de um tempo e de um povo que já não habitam aqueles vales e aquelas coxilhas.

Há páginas heroicas que narram os embates no rio Vacacaí, com a morte de Sepé, as lutas em Caiboaté onde Ibagé triunfa em sua derrota. Depois seguem páginas dolorosas de humilhação do indígena, livre filho dos pampas, objeto de curiosidade dos habitantes da Cidade Luz, dos primeiros decênios de 1800. O final do romance histórico enlaça a figura do charrua vilipendiado com o grande herói dos dois mundos – Giuseppe Garibaldi.

Os Charruas têm a grandeza da ficção e da história conduzida pela perícia dos sete parceiros de oficina sob a batuta firme e criativa de Alcy Cheuiche. Cada um mantém sua personalidade literária na sinfonia que celebra a beleza e a arte de um povo que revive nas páginas reveladoras de *Os Charruas*.

Narrativa ficcional: a memória perfeita¹

Adeílto Manoel Pinho
PUCRS e UEFS

Dois conceitos de narrativa, pelo menos, podem servir de embasamento para a construção da narrativa como busca de uma memória perfeita: a narrativa detentora da experiência fundamental para a compreensão de um estado de humanidade postulado por Walter Benjamin, no seu *O narrador* – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov, e a perspectiva da narrativa de elucidação da problemática da Modernidade, principalmente o romance, como assim definiu Mikhail Bakhtin.

A pretensão de vislumbrar a narrativa ficcional como a construção da memória perfeita será exemplificada no romance consagrado de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), cuja ressonância crítico-receptiva, no passar de cento e vinte três anos, está tão sedimentada de camadas de leituras, que se corre o risco de, não como os braços de Helena de Tróia, na famosa frase de L. Tolstoi citada por Antonio Candido,² tão lustrados pelos nossos olhos e desejos, mas de outra forma, ser corroído pelos nossos toques de fiéis, como acontece com os pés da grande estátua de bronze de São Pedro, no Vaticano. E a própria história desta superposição de leituras e de *corrosão* da tradição pode oferecer uma pequena mas

¹ Este texto foi apresentado na disciplina Tópicos de Narrativa, ministrada pela proª. Drª. Regina Zilberman durante o curso de Doutorado em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura, da PUCRS.

² CANDIDO, A. Prefácio da 1ª. Edição. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. 5ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1975. p. 10. A frase, segundo Candido, seria a seguinte: “ombros e braços de Helena, sobre os quais se estendia por assim dizer o polimento que haviam deixado milhares de olhos fascinados por sua beleza”.

estimável odisséia até o texto que desejo ler, como o príncipe da fábula, cortar trepadeiras e vencer espinhos para encontrá-lo, talvez enfeitado. Porém, lembrando um grande leitor de Machado de Assis, John Gladson, aquele escritor também iniciado nas artes da bruxaria e alquimia, teria formulado seus contrafeitiços e o leitor de agora terá que ser cuidadoso na recomposição do caminho narrativo machadiano. Eu argumento que as estratégias de construção de memórias em alguns níveis sociais (pessoas, lugares, classes sociais) e estéticos (escolas literárias, categorias artísticas como romance, poema) seriam artifícios de escape do aprisionamento da produção do autor de *Missa do Galo* a uma categoria literária (Realismo ou Romantismo) ou a um ponto de vista temporal (autor do século XIX). A demanda é grande para as pretensões deste trabalho, então recortei um dos índices desta perspectiva de leitura, o qual denomino de memória perfeita.

Alguns textos estudados dão conta de um percurso que parte da leitura de memórias como acervo existencial, componentes acumulados num contato direto com o real e sem a obrigatoriedade do exercício da elaboração, como são os depoimentos de ilustres mulheres de escritores.³ Logo depois, discute-se a memória como acervo documental a serviço da compreensão de uma época, vinculada a uma atitude de sobrevivência, Menocchio⁴ vive para falar, enquanto os acusados de bruxaria do Brasil⁵ constroem uma memória para sobreviver, sempre mediados pelo que se chamou de dois filtros de leitura: o auto documental (fonte) e o historiador (Carlo Ginzburg e Laura de Melo e Souza).

Em *Solo de Clarineta*,⁶ a memória do escritor Erico Veríssimo será elaborada num fio narrativo que já deixa escapar as dificuldades de não se associar ao ficcional nesta demanda. As regras da escrita se impõem ao fato acontecido, sendo catalogado, selecionado e recor-

tado em muitos e tantos pontos que o projeto tem de se rearrumar como narrativa, a qual dará o sentido de tempo e de acervo. Finalmente, a tetralogia de Hermilo Borba Filho⁷ rompe com um pressuposto de separação em categorias diferentes, memória e narrativa ficcional, direcionando o nosso olhar para um conceito se não novo, ainda refutado de fenômeno literário. Ao feito do balançar de um pêndulo, que toca dois sinos – memória e ficção – às vezes, de cada vez, mas também ao mesmo tempo, desafiando a nossa capacidade de ouvir por entre as grossas camadas de leitura e de conceitos providenciados por um labor teórico ancorado também por uma tradição: aprendemos a vê-los dicotomicamente, e lemos as categorias separadamente.

As *Memórias Póstumas...* aparentemente tranquilizam os conflitos dos textos anteriores, pois trata-se de ficção que virtualiza uma memória, portanto estaria o pêndulo tocando num único sino, afinal. Segundo o autor,

Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.⁸

Ao que parece, há dois conúbios pretendidos pelo autor ao executar a sua obra e não somente aquele declarado da *pena da galhofa* com a *tinta da melancolia*, que são suficientes para a determinação, no percurso do autor, da escrita de livro de ficção, mas acrescenta-se outro onde se encontram as *colunas máximas da opinião: a gente grave* (por desejarem entreter-se apenas com leituras sérias, talvez científicas e filosóficas, serão excluídas) e a *gente frívola* (muito inclinadas

³ MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte*. Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini (Orgs.), Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994 e GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini (Coord.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁵ SOUZA, Laura de Melo e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 8ª. Reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁶ VERÍSSIMO, Erico. *Solo de Clarineta: memórias*. 6ª. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. 2 v.

⁷ BORBA Filho, Hermilo. *Um Cavaleiro da Segunda Decadência - Margem das Lembranças* (I). 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

_____. *Um Cavaleiro da Segunda Decadência - A Porteira do Mundo* (II). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. *Um Cavaleiro da Segunda Decadência - O Cavalo da Noite* (III). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Um Cavaleiro da Segunda Decadência - Deus no Pasto* (IV) (Versão azul celeste). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

⁸ ASSIS, Machado de. Ao Leitor. In: _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 14ª. ed., São Paulo: Ática, 1990. (Série Bom Livro). s/p.

para os romances românticos e de merecimento religioso, também estão postas fora da expectativa do autor). Brás Cubas, nestas duas linhas, reconfigura o horizonte recepcional da sua obra. Portanto, Cubas escreve obra ficcional, mesmo que diferenciada daquelas em curso no momento da publicação.

Uma vez resolvidas algumas pendências relacionadas aos conflitos conceituais e teóricos de obras anteriores, outras questões reclamam reflexão. O adjetivo *póstumo* questiona um sentido caro à ficcionalidade – a verossimilhança; mesmo na ficção há regras que devem ser obedecidas, não necessariamente as mesmas do real, mas aquelas concernentes ao que é construído como o real: lógica, moral, verdade. O estatuto ficcional é questionado pela fatura do romance – M. Bakhtin afirmaria isto para o próprio conceito de romance moderno, principalmente nas suas categorias de inacabamento e polifonia.

Nossa época caracteriza-se pela complexidade e pela extensão insólitas de nosso mundo, pelo extraordinário crescimento das exigências, pela lucidez e pelo espírito crítico. Estes traços determinam igualmente o desenvolvimento do romance.⁹

Em contrapartida, se o ficcional está sitiado na narrativa de *Brás Cubas*, o percurso memorialista ganha requintes de detalhes, datas, descrição de locais, eventos lembrados com o gozo epidérmico do sabor dos doces e das travessuras, dos abraços e das mentiras escondidas. Retornando à provocação inicial das camadas de leituras de mais de um século, uma questão em galhofa, muito ao gosto do narrador, soa plena: Como continuas a ler as memórias de um morto? O como aqui serve mais do que o por quê, simplesmente, porque seria mais uma questão de método de leitura do que uma exposição de motivos: a maneira como o livro se organiza obriga a uma configuração de leitura no mesmo sincronismo – de antemão sabe-se que não se vai aprender exemplarmente sobre a vida de alguém, as críticas proferidas são neutralizadas no horizonte de expectativa criacional, no primeiro momento, e, pelo menos, até as leituras críticas feitas por um estudioso como Roberto Schwarz, as implicações sociais da obra machadiana estavam circunscritas à sua ficcionalidade. Segundo Schwarz,

⁹ BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: _____. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 3ª. ed., São Paulo: Edunesp, 1993. p. 428.

Tudo nos romances de Machado de Assis é tingido pela *volubilidade* – abusada em graus variáveis – de seu narrador. Os críticos de hábito a encaram pelo ângulo da técnica literária ou do humorismo. (...) Em vez de buscar a isenção, e a confiança que a imparcialidade suscita, o narrador machadiano dá espetáculos de desprazer, que vão da picuinha à semostração literária e ao crime.¹⁰

Para o professor da Unicamp, a desfaçatez do narrador é reveladora “como estilização de uma conduta de classe dominante brasileira.” Aí temos um narrador de casaca, cartola e bengala, todos de toilette das finas lojas da Rua do Ouvidor, que fala de um lugar sem máscaras. Mesmo que a crítica tivesse preferido ler as inflexões de Brás Cubas como estilística do humor e da ironia, lá também está o gesto das elites em relação aos remediados e à arraia miúda. Para Cubas, desconfiando da ficção escrita até aquele momento pelo modo como descarta os *sérios* e os *frívolos*, seu romance tomará caminho diferente no trato da matéria narrada pela construção da sua própria memória.

Por outro lado, como objeto construído com recursos plenamente ficcionais, a narrativa pode transpor as barreiras/limitações do aprisionamento da escrita, não há necessariamente troca ou adaptação ou inclusão de elementos, são dispensados os usos hierárquicos da memória ou da ficção. Aqui servem muito bem as observações de Erich Auerbach,¹¹ quando compara o estatuto do literário e do sagrado nos textos de Homero (passagem da *Odisséia* sobre a cicatriz de Ulisses) e da Bíblia (passagem do sacrifício de Isaac). Em *A Odisséia*, no Canto XIX, quando Ulisses regressa à casa, a sua antiga ama o reconhece, mesmo disfarçado de andrajoso, por causa de uma cicatriz na coxa por ela medicada. O narrador trata de contar todos os pormenores desde o passado, o ferimento por um grande javali, suspendendo, distendendo e tensionando constantemente o espírito do leitor. Citando as cartas de Goethe a Schiller, cujo assunto principal era a motivação do “*elemento retardador na poesia homérica*”, Auerbach registra que os dois grandes autores românticos atribuem aquele recurso a um *princípio de tensão* característico da poesia épica, todavia, segundo o crítico alemão,

¹⁰ SCHWARZ, Roberto. A velha pobre e o retratista. In: SCHWARZ, R. (Org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 46.

¹¹ AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

a verdadeira causa da impressão de retardamento parece-me residir em outra coisa; precisamente, na necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado.¹²

Em relação à passagem bíblica, afirma esse estilista:

A história de Abraão e de Isaac não está melhor testificada do que a de Ulisses, Penélope e Euricléia; ambas são lendárias. Só que o narrador bíblico, o Eloísta, tinha de acreditar na verdade objetiva da história da oferenda de Abraão – a persistência das ordens sagradas da vida repousava na verdade desta história e de outras semelhantes. Tinha de acreditar nela apaixonadamente – ou então, deveria ser, como alguns exegetas iluministas admitiram ou, talvez, ainda admitem, um mentiroso consciente, não um mentiroso inofensivo como Homero, que mentia para agradar, mas um mentiroso político consciente das suas metas, que mentia no interesse de uma pretensão à autoridade absoluta.¹³

A narrativa bíblica carece tanto de elementos complementares e explicativos que a verossimilhança também estaria em jogo, uma vez que não se sabe onde estaria o protagonista, Abraão, se em casa ou no campo, a voz não dá qualquer indicação de origem, se do fundo da terra ou do alto dos céus, apenas se elocute. O caminho a ser seguido também não é sabido ou ensinado, como se tudo fizesse parte de um jogo de absurdos. Por isso, duas condições são identificadas por Auerbach: o cumprimento de um pacto que o leitor não sabe, através da passagem, mas é surdamente conhecido pelo patriarca, e o exercício da fé, que é mencionado na citação acima. Por entender mais fechada e de difícil acesso a várias interpretações, orienta que o texto de Homero é que deveria ser sagrado, enquanto o texto bíblico, por ser repleto de omissões e incertezas, vários planos, inacabamento, deveria ser o ficcional. Assim como constata o historiador e estilista alemão, a completude do estilo de Homero, como a narrativa de *Brás Cubas*, é tão exata na sua representação do real, que esta também é questionada na vista do seu duplo, ou simulacro. Assim, os dois discursos são validados, porque nas suas economias metodológicas, a Bíblia não seria mal feita, mas sua estratégia de construção deixa propositalmente os pedaços para serem preenchidos pelas gerações futuras.

¹² AUERBACH, 1994, p.3.

¹³ Id., p.11.

Enquanto a capacidade de preenchimento, regularidade e mecanismos técnicos em toda a obra fez com que o livro de Homero resistisse a investidas no seu estatuto de literário pelo menos em dois grandes momentos, o Renascimento – se representava fielmente o mundo clássico perfeito – e o Romantismo – se era uma obra original. Dois testes que poderiam fazer sucumbir todo o prestígio da Bíblia. Não é preciso dizer que o inverso em relação à Igreja também seria verdadeiro, a começar que o livro atribuído ao bardo grego seria pagão.

Para além de tratarem os dois textos de questões que atravessam realidade e ficção, há também aqui a questão da memória como recurso à construção de uma verdade representativa: Homero lembra *mentindo inocentemente* de uma guerra exemplar para a educação do homem grego; o narrador Eloísta lembra fervorosamente de passagens milagrosas de homens “santos”, os quais poderiam falar e estabelecer pactos com Deus Todo Poderoso. Se bem compreendi os projetos do crítico alemão, para que estas memórias tivessem êxito, cada uma lançou mão de um manual distinto de recurso de elaboração.

Para Walter Benjamin, o ato de narrar guarda uma função essencial para a humanidade, nela está a experiência fundamental, ligando passado, presente e futuro. Centrado nos últimos desejos de um moribundo, cena sagrada por si mesma, que todos ouvem com o peso, notoriedade de alguém que transmitirá derradeira mensagem valiosa, demonstra como a perda do ato de narrar – substituído pela convencionalidade da organização artificial das relações humanas – marcariam a inauguração da Modernidade. Segundo o filósofo,

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.¹⁴

E mais adiante, completa:

A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural.¹⁵

¹⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 207. (Obras Escolhidas – I).

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 208.

A argumentação de Benjamin aponta para a perspectiva de fragmentação do mundo moderno, mas, na sua explanação sobre a morte, articula a autoridade do narrador tradicional com a sua capacidade de manter-se próximo ou dentro da história natural, diga-se aqui, a verdade do real. Por outro lado, ele não deixa de argumentar que a narrativa a qual vem substituir a tradicional se afastará daquela realidade histórica, científica.

O gênero romanesco, representativo dessa narração da experiência fundamental, estaria em vias de desaparecimento, dando lugar a outro com feitiço fragmentado, labiríntico, solitário, sem haver mais a necessária passagem de experiência. Mas, antes de questionarmos o desaparecimento da experiência, como defende o pensador alemão, devemos lembrar que a Modernidade é construída em momento e espaço de crise ou síndrome, como querem alguns teóricos. E uma das características atribuídas ao romance por alguns dos seus estudiosos é a capacidade de se metamorfosear, tal o seu inacabamento, a sua característica de parodiar e parafrasear outros gêneros no passado e no presente, em sua e noutras áreas de atuação, como o romance histórico e de ficção científica – isto fará O. Paz afirmar que o romance é um gênero impuro.

Por isso, o mundo moderno se constrói em crise e o romance se alimenta dessa crise. No que Benjamin tem razão, em termos canônicos, mas que podemos olhar mais à frente. Houve sim um deslocamento da experiência que antes era oral (sendo decorada em versos pelo membro mais velho da comunidade e ensinada para o mais moço), depois transcrita em linguagem escrita, obedecendo às regras desta escrita convencional, a lição divide status com a própria tecnologia que a armazena. No romance moderno, como as *Memórias...* seriam um exemplo, a mensagem fundamental é o próprio código romanesco, as verdades fundamentais e fundantes estariam na própria metodologia utilizada para a feitura do romance – uma memória perfeita.

Ainda sobre a perda da experiência fundamental defendida por Benjamin, estaríamos agora em outra etapa da construção social, e podemos avaliar que se perdeu muito daquela experiência dita de classe hegemônica, os meios de comunicação e a popularização das estratégias de consumo relativizaram as relações de classe. Notou-se então que não se falava, em termos de discurso literário, para o universal, mas para um pequeno público. Entendo que, de alguma for-

ma, foi esta experiência que ‘encolheu’ na sua grande capacidade de comover ou mover uma humanidade. Agora, marcando esta diversidade, o romance tanto se nega a transmitir qualquer mensagem (*Um copo de Cólera e Estorvo*), como continua transmitindo mensagens fundamentais para/de determinada classe (*O Feitiço da Ilha do Pavão*).

Levando a cabo a experiência da vida, organizada por uma técnica de execução, afinada com o mundo moderno fragmentado e desiludido com as conquistas tecnológicas, a narrativa ficcional construída como memória perfeita atinge os projetos da civilização naquilo que lhe é mais caro: as suas verdades e convicções. Ao abarcar a diversidade no seu estofo técnico e conteudístico, aprofundando-se mais e mais na carne da vida, a ficcionalidade se aproxima desta memória, arriscando devassá-la, como o faz Brás Cubas: apropriando-se da memória de outro/outros, cuja identidade não podemos ver, por um lado, e explicitando sua condição ficcional, é pleno de elaboração e método. A questão seria: quem existe então?

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 14ª. ed., São Paulo: Ática, 1990. (Série Bom Livro).
- AUERBACH, Erich. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Col. Estudos – 3).
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética, a teoria do romance*. 3ª. ed. São Paulo: Unesp, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Col. Obras Escolhidas – 1).
- BORBA Filho, Hermilo. *Um Cavalheiro da Segunda Decadência - Margem das Lembranças (I)*. 2ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- _____. *Um Cavalheiro da Segunda Decadência – A Porteira do Mundo (II)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *Um Cavalheiro da Segunda Decadência – O Cavalo da Noite (III)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Um Cavalheiro da Segunda Decadência – Deus no Pasto (IV) (Versão azul celeste)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

- CANDIDO, A. Prefácio da 1ª. Edição. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1975.
- CORTÁZAR, Júlio. Situação do Romance. In: _____. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Col Debates).
- GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini (Coord.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOMERO. *A Ilíada*. (Em Forma de Narrativa). Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Livros de Ouro, s/d. (Coleção Universidade de Bolso).
- _____. *A Odisseia*. (Em Forma de Narrativa). Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Livros de Ouro, s/d. (Coleção Universidade de Bolso).
- LUKÁCS, Georg. Epopéia e Romance. In: _____. *Teoria do Romance*. Lisboa: Presença, 1962. (Biblioteca de Ciências Humanas, 5).
- MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte*. Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini (Orgs.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- PAZ, Otávio. Ambigüidade do Romance. In: _____. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- RODRIGUES, Selma Calazans. A narrativa e sua problemática. In: VASSALO, Lígia. (Org.). *A narrativa ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. (Comunicação número, 05).
- SCHWARZ, Roberto. A velha pobre e o retratista. In: SCHWARZ, R. (Org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 8. Reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VERÍSSIMO, Erico. *Solo de Clarineta: memórias*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. 2 v.